

CIDADES NARRADAS NA PANDEMIA: AS IMAGENS DO INSTAGRAM EM 2020

CITIES NARRATED IN THE PANDEMIC: THE INSTAGRAM IMAGES IN 2020

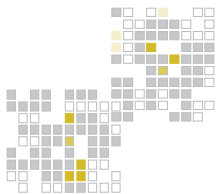
CIUDADES NARRADAS EN LA PANDEMIA: LAS IMÁGENES DE INSTAGRAM
EN 2020

Mágda Rodrigues da Cunha

■ Professora titular e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Escola de Comunicação Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Doutora em Letras, pela PUCRS.

■ E-mail: mrcunha@puhrs.br

17



RESUMO

Muitas são as cidades que acontecem em um mesmo espaço urbano. A cidade criativa, a cidade sustentável, a cidade do trabalho, a cidade das mercadorias ou a cidade da memória. Neste texto, o objetivo é descrever e analisar a cidade narrada na pandemia do SarsCov-2. A investigação foi realizada ao longo do ano de 2020, a partir da coleta de imagens postadas na rede social Instagram. O entendimento é de cidades como ecossistemas nos quais a comunicação e a narração sobre elas estão integradas.

PALAVRAS-CHAVE: CIDADES; NARRAÇÃO; PANDEMIA; INSTAGRAM.

ABSTRACT

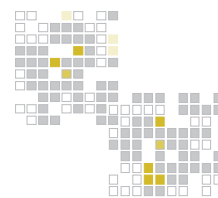
There are many cities that take place in the same urban space. The creative city, the sustainable city, the city of work, the city of goods or the city of memory. In this text, the objective is to describe and analyze the city narrated in the SarsCov-2 pandemic. The investigation was carried out throughout the year 2020, based on the collection of images posted on the social network Instagram. We understand cities as ecosystems in which communication and narration about them are integrated.

KEY WORDS: CITIES; NARRATIVE; PANDEMIC; INSTAGRAM.

RESUMEN

Son muchas las ciudades que se desarrollan en un mismo espacio urbano. La ciudad creativa, la ciudad sostenible, la ciudad del trabajo, la ciudad de las mercancías o la ciudad de la memoria. En este texto, el objetivo es describir y analizar la ciudad narrada en la pandemia SarsCov-2. La investigación se llevó a cabo durante todo el año 2020, en base a la recopilación de imágenes publicadas en la red social Instagram. La comprensión es de las ciudades como ecosistemas en los que se integra la comunicación y la narración sobre ellas.

PALABRAS CLAVE: CIUDADES; NARRATIVA; PANDEMIA; INSTAGRAM.



Qual a cidade narrada na pandemia e especialmente durante o distanciamento social? Como os sujeitos se relacionaram com o ambiente urbano, mesmo em casa? As questões nortearam esta investigação realizada ao longo do ano de 2020. Foram duas etapas de pesquisa – a primeira de março a julho e a segunda de agosto a dezembro. Buscou-se observar as postagens em ciclos quinzenais na rede social Instagram, acompanhando o período de incubação do vírus, de 1 a 14 dias, conforme divulgado pela OMS¹. Com isso, foi possível coletar imagens e observar as postagens em cada ciclo de avanço da pandemia no mundo. As buscas pelas cidades escolhidas ocorreram por *hashtags* de seus respectivos nomes – Wuhan, Roma, Bergamo, Madri, Nova York, São Paulo e Rio de Janeiro – tendo como critério aquelas que gradativamente assumiam a posição de epicentros em contaminação e mortes, conforme a expansão do vírus em escala mundial. Realizou-se análise de dez imagens nos dias 1 e 15 de cada mês.

Trata-se de pesquisa descritiva a partir da qual realiza-se a observação, o registro e a correlação de variáveis. No caso de ferramentas na internet, para busca e análise de dados, a investigação trabalha com a netnografia, como uma metodologia para estudos na internet (Hine, 2000) e como um método interpretativo e investigativo para o comportamento cultural e de comunidades online (Kozinets, 1997). A pesquisa tem inspiração etnográfica, uma vez que pretende, como indica Angrosino (2009), descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. A etnografia se ocupa basicamente das vidas cotidianas rotineiras das pessoas estudadas, coletando dados sobre as experiências (Angrosino, 2009). A etnografia se fez adequada para a pesquisa que observou narrativas sobre as cidades

em redes sociais na internet.

Ao narrar a cena urbana e desenhar as múltiplas possibilidades de informação, os sujeitos definem estratégias de circulação, de calendário, de horário, de vestuário, mas também de comunicação. Muitas são estas variáveis nos centros urbanos, mais ou menos populosos. A cidade é um organismo vivo, ativado pela movimentação das pessoas que nela habitam, mas especialmente pelas narrativas circulantes que, na perspectiva da ecologia, podem definir como os indivíduos vão viver e, em distanciamento social, observar, registrar ou lembrar.

Na transformação dos espaços, seguindo o fluxo da informação, evidencia-se a dinâmica da pergunta e da resposta em diálogo entre planejadores e usuários, a exemplo do que cita Sennett (2018) sobre as assimetrias da cidade e a inadequação entre os valores do construtor e os do público. A reflexão que serve para as cidades pode servir também às tecnologias de comunicação, integradas ao ecossistema. Não é possível imaginar que o usuário responderá sempre da forma como a interface foi planejada. Todos atuam e interagem e o usuário desenha táticas em resposta às estratégias apresentadas, o que torna as interfaces ambientes-chave para qualquer investigação que envolva todos os atores. Mais pessoas, a partir da mobilidade e das conexões, passaram a vivenciar os centros urbanos, desenhando uma relação de compartilhamento e confiança, que mudou, aos poucos, o estranhamento com a expansão das cidades no início da era industrial. O diálogo com os espaços urbanos estava construído, com tensionamentos, mas adaptações.

Scolari (2018, p. 226) enfatiza as conversações constantes entre desenhista e usuário, numa perspectiva semiótica na qual o leitor dá sentido ao texto. “A interface é a mediadora de um intercâmbio que funciona de maneira muito similar à relação entre autor-texto-leitor.” Considera a interface um lugar de interação e indica que a

¹ <https://portal.fiocruz.br/coronavirus/perguntas-e-respostas>



melhor é aquela que facilita a conversação, a que desaparece e permite foco na atividade central do usuário. Entende-se aqui que, a partir do desenho e da circulação pelos ambientes urbanos, e ao usar ferramentas para vivenciá-los, os sujeitos assumem papel relevante na construção do ecossistema de mídia em diálogo com a vida nas cidades.

Nesse sentido, percorrer e narrar a cidade tornaram-se atitudes corriqueiras e sem grandes reflexões com a aceleração do cotidiano, das idas e vindas e das múltiplas possibilidades narrativas. De nada adianta estar em um lugar, seja ele qual for, e não poder contar que ali esteve. Com o desenvolvimento dos espaços urbanos e das tecnologias que permitem o relato geolocalizado, esta relação foi definindo fronteiras muito tênues, nas quais existir na cidade é também contar sobre ela. E se esta separação já estava praticamente invisível, a pandemia do SarsCov-2 trouxe novamente a dualidade: os espaços urbanos e a narração distante, o relato pela visão da janela ou pela memória do que se viveu.

Os resultados da investigação apontam que janeiro e fevereiro ainda são meses de pouca informação e que as pessoas seguem narrando as cidades a partir de seu cotidiano e circulação. Wuhan é o epicentro da pandemia e os primeiros casos começam a aparecer nos Estados Unidos. Para os brasileiros, o vírus é apenas uma informação distante. Entre as *hashtags* investigadas, as únicas imagens de cidades vazias são realmente de Wuhan. Observa-se um ou outro post que começa a definir uma categoria importante: a memória de viagem àquela cidade chinesa. Na Itália, que viria a ser o próximo epicentro, as cidades estudadas ainda eram narradas com liberdade de circulação.

Mas é no mês de março que o cenário começa a passar por transformação. Surgem os *posts* com imagens de dias mais claros e ensolarados em Wuhan e muitas mensagens de força à popu-

lação local. No mês de março, o vírus transforma cidades europeias, especialmente italianas, em epicentros da pandemia. Nos Estados Unidos, a *hashtag* #stayhome ganha força e começam os primeiros indícios do distanciamento social no Brasil. O ciclo da circulação do vírus em Wuhan começa a se fechar e os *posts* narram o início da primavera com o retorno da circulação nas ruas.

É quando o vírus chega à Itália que o Ocidente percebe a sua gravidade e esvazia as cidades. A melancolia das lembranças de viagens àquele e as *selfies* usando máscaras ganham os *posts* que mostram as ruas. Tem destaque a *hashtag* “eu estive lá” e as mensagens de apoio aos profissionais da área de saúde. Em abril, especialmente os brasileiros, narram suas viagens à Itália. No mês de maio, a população de Wuhan frequenta parques e praças e em Nova York as imagens mostram os espaços urbanos vazios. É apenas em um dia de calor inesperado que as pessoas saem às ruas e publicam imagens da cidade. É no mesmo período que a China começa a retomar as suas atividades, enquanto italianos e espanhóis também começam a deixar suas casas e frequentar os lugares públicos. O mês de junho marca por uma tentativa de retorno à normalidade na China e pelas manifestações nas ruas nos Estados Unidos. As cidades americanas narradas neste momento vivem os eventos em protesto pela morte de George Floyd². As *hashtags* e postagens envolvendo a pandemia sofrem redução significativa.

A descrição das imagens analisadas no segundo semestre de 2020 aponta para quadros diferentes, com algumas características em comum. No hemisfério norte, com destaque para Estados Unidos e Europa, dois epicentros no primeiro semestre, as imagens mostram cidades que voltam a ser vividas presencialmente. O verão nas

2 <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>



duas regiões tenta apresentar o que foi chamado de “novo normal” naquele momento. As imagens seguem os padrões anteriores à pandemia, mas incluem *selfies* nas quais as pessoas seguem usando máscaras protetoras. Na China, Wuhan é a cidade que começa a ser narrada pela presença das pessoas, mas também por associações à própria pandemia. Ao marcarem o tema, muitos usuários indicam a cidade chinesa. Paralelamente, embora no Brasil tenha havido certo relaxamento nesse período de 2020, ainda há registros capturados pelas janelas.

A observação das imagens, combinadas às *hashtags* escolhidas pelos sujeitos, permite apontar para a relação que as pessoas têm ou trazem com as respectivas cidades analisadas ou mesmo países. A decisão por marcar Wuhan, por exemplo, e as fotografias postadas indicam uma relação não tão próxima com aquela cidade. A ligação repetidamente é com a pandemia, mesmo que o usuário esteja fotografando outro lugar muito distante. É com a *hashtag* Wuhan que, nos períodos coletados, aparecem pessoas com máscaras, ambulâncias, trajes de elevada proteção hospitalar. Há algumas paisagens do ambiente urbano, mas em número reduzido.

Resultado que chama atenção, quando buscamos evidências sobre a conexão com determinadas cidades investigadas, diz respeito à Europa. No início da investigação, já era possível inferir que o Ocidente só se dá conta da existência concreta do vírus quando Milão e Bergamo tornam-se epicentros da pandemia. As imagens confirmam a hipótese e mostram monumentos, normalmente sem pessoas, numa forte exaltação aos lugares conhecidos das cidades e da capital, Roma. É nas imagens da Itália, em geral, que estão as *selfies* do passado. Mas não são fotografias que retratam a vivência na cidade e sim uma memória, uma melancolia sobre a impossibilidade de estar lá no momento. Nas imagens organizadas pelas *hashtags* voltadas à Itália, o reconhecimento dos

ambientes pode se fazer de maneira mais clara do que em Madri, por exemplo. Mas as evidências da circulação pela capital espanhola não permitem perceber o lugar. São edifícios com pouca identidade e espaços vazios.

A propagação de imagens sobre as cidades na pandemia constrói uma memória deste tempo narrado, do sentimento em relação aos espaços urbanos, da tristeza da distância, mas também um relato histórico relevante. São narrativas que se somarão as já existentes. Como aponta Sarlo (2007), o peso dos meios de comunicação na construção do público está relacionado à influência que terão sobre as construções do passado. “Jornais, televisão, vídeo, fotografia são meios de um passado tão forte e persuasivo como a lembrança da experiência vivida, e muitas vezes se confundem com ela” (Sarlo, 2007, p.93). Nesta linha de pensamento, ao examinar imagens do Rio de Janeiro, verifica-se uma significativa memória das praias, mas também da reunião de pessoas, uma forte marca da cultura local. Já imagens de São Paulo e Porto Alegre mostram edifícios e ruas vazias.

Ao entendermos que muitas são as cidades que coexistem em uma só e que a narração, em certa medida, individualiza a percepção dos sujeitos sobre os espaços urbanos, ao mesmo tempo que torna públicas as vivências, elencamos aspectos que se destacam entre os resultados desta investigação. As imagens narram, inicialmente, as cidades ocidentais que desconsideram o vírus. O silêncio urbano, no entanto, surge quando a pandemia chega à Europa. É neste momento que boa parte do mundo experimenta a proximidade do problema. Merecem destaque as imagens relacionadas à memória de viagens, mas isto se faz acompanhar de intensa melancolia. A flexibilização e o desejo de compartilhar o retorno às ruas também é uma das marcas daquele que pareceu ser, naquele momento, o “novo normal”.

A coexistência das cidades também está



associada a uma tradição. Sennett (2018) aponta que no início do cristianismo “cidade” designava duas: a Cidade de Deus e a Cidade do Homem. O autor observa que Santo Agostinho usava a cidade como metáfora do projeto de fé de Deus e mesmo com o desuso da metáfora cristã persiste a ideia de que cidade significa duas coisas diferentes: um lugar físico e uma mentalidade formada de percepções, comportamentos e crenças. Ao observarmos as imagens postadas no Instagram, detectamos que os indivíduos narram a imagem que se mostra, o ambiente, mas também suas memórias, suas expectativas e o desejo de estarem nos lugares.

Estas narrativas não reveladas pela imagem ou a mentalidade, citada por Sennett (2018), se relacionada ao que Canevacci (1997) define como a constituição da cidade pelo conjunto de recordações a respeito dela. Isto faz também com que ela seja “agida” pelos sujeitos, que não são unicamente espectadores urbanos, mas também atores que dialogam com seus espaços. Por este motivo, indica o autor, a comunicação urbana é do tipo dialógico e não unidirecional. Lynch (1997) aponta que cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. Os elementos móveis, as pessoas e suas atividades são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. “Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele; compartilhamos o mesmo palco com outros participantes” (Lynch, 1997, p.02). Complementa que a cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura.

O sentido da cidade narrada também tem origem na língua francesa. Sennett (2018), ao trabalhar com a distinção construída pelo

cristianismo, cita duas palavras diferentes: *ville* e *cité*. Inicialmente, designavam o grande e o pequeno, *ville* referindo-se à cidade como um todo, e *cité* a um determinado lugar. No século XVI, *cité* passou a significar o modo de vida num bairro, sentimento de cada um em relação aos vizinhos e aos estranhos, e sua vinculação com o lugar. Mesmo não existindo mais, o autor destaca que este antigo significado deve ser resgatado, pois corporifica a fundamental distinção entre o ambiente construído e a maneira como as pessoas nele habitam. Portanto, complementa, a experiência numa cidade raramente é harmoniosa, mostrando-se com maior frequência cheia de contradições e arestas.

E, muitas já eram as táticas desenhadas pelos sujeitos para circulação nas cidades, ancoradas inclusive na comunicação, tendo destaque as redes sociais e o compartilhamento de experiências. Como um organismo vivo, observamos uma narrativa que definiu a imagem da cidade. Os espaços urbanos observados puderam evidenciar cada momento de expansão do vírus: o descaso com as informações, o temor e a cidade vazia, o silêncio, a memória e a tentativa de retomar a vida nos espaços.

Santos (2006) aborda a questão da idade de um lugar e que aqui relacionamos à construção desta memória em torno da cidade narrada. Há a data de nascimento jurídico, a partir da fundação, mas isto pode ser observado também por outros critérios e técnicas. No entanto, é o lugar que atribui às técnicas o princípio da realidade histórica, revitalizando seu uso. O que há em um determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas e os respectivos tempos das técnicas industriais e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam. Santos (2006) afirma que neste movimento os objetos e ações veem modificada sua significação absoluta e ganham uma significação relativa, provisoriamente verdadeira, diferente daquela do momento anterior



e impossível em outro lugar. O autor revisita o seu pensamento sobre o tempo do lugar, um tempo espacial, que é outro espaço. Os lugares têm realmente seu tempo a partir da vivência de cada um e também na dimensão coletiva. Na pandemia este lugar esteve associado à cidade da lembrança.

A existência nos espaços urbanos, no entanto, já se desenhava pela tradição de forma dupla, a cidade de Deus e a cidade dos homens, a cidade ampla e a ville, a cidade desenhada e a cidade vivida. Com o aumento das possibilidades tecnológicas de comunicação, estes conceitos ampliam-se para a cidade vivida e a cidade narrada. Estas duas variáveis vêm definindo a existência dos espaços urbanos e, em certa medida, permitindo a existência de muitas cidades. São territórios vivenciados, territórios imaginados que se relacionam diretamente com os territórios narrados. E acabam por ser muitos simultaneamente. Se em *Carne e Pedra*, Sennett (1997) descreve o desenvolvimento das cidades na relação com os corpos, podemos dizer que na dimensão extrema da narrativa, a mesma cidade assume múltiplas perspectivas. Se na pandemia do Sars-Cov-2 isto pode ser observado ao limite, o desenho já estava em andamento no encontro da vivência com a narrativa. No distanciamento, a cidade torna-se um ecossistema ativado predominantemente pela narrativa.

O desenvolvimento urbano levou à complexificação dos espaços como um ecossistema em que convivem as cidades reais e as cidades imaginadas. Tal conceito serve à Sarlo (2014) como ponto de partida para a obra intitulada *A cidade de vista: mercadorias e cultura urbana*, na qual escreve sobre Buenos Aires. Na organização do projeto, a autora define aspectos como a cidade das mercadorias, a cidade dos pobres, a cidade dos estrangeiros, a cidade cultural ou a cibercidade. Ao estudar a capital argentina, Sarlo (2014) aponta itinerários sobre a cidade real e

a cidade imaginada, espaços diferentes, que se entrecruzam.

Sarlo (2014) questiona a dissolução do território ou a desterritorialização da cidade em suas representações. Relembra, no entanto, que as imagens como mapas, pinturas, relatos e teorias não buscavam sua abolição, mas seu conhecimento, sua crítica ou sua melhoria. Hoje, reflete a autora, paira sobre o território outra cidade, “não uma *SimCity* de brinqueado, mas a otimistamente chamada praça pública telemática” (Sarlo, 2014, p.205).

A cibercidade se sobreprime à cidade cabeada para a televisão ou serviços de telefonia, pensa Sarlo (2014), e à cidade de clusters celulares ou ondas de satélite. “Todo este conjunto forma uma cidade virtual sobre a cidade real, mesmo que a virtualidade seja sustentada pela infraestrutura material” (Sarlo, 2014, p.205). A autora aborda ainda a temporalidade da cidade real não como um fluxo ininterrupto, mas uma série de barreiras e obstáculos apesar dos quais o tempo transcorre, a cibercidade deslocaliza e realocaliza, parece protegida pela suspensão das regras que funcionam na cidade real. A análise das imagens postadas no Instagram durante o ano de 2020 define, cada vez mais, a existência de uma cidade que só consegue acontecer na dimensão virtual, imaginada. Sua dimensão concreta existe na virtualidade. Esta foi a vivência da cidade naquele momento.

O período de pandemia traz, no entanto, um paradoxo. As cidades, que se transformaram em depósitos dos problemas causados pela globalização (Bauman, 2009), foram também ambientes desejados. Os lugares nos quais se forma a experiência humana, onde ela se acumula, é compartilhada e seu sentido é elaborado, assimilado e negociado, ficaram fisicamente distantes e conseqüentemente os próprios problemas característicos da circulação cotidiana. “É nos lugares, e graças aos lugares, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança



de realizar-se, e correm risco de decepção” (Bauman, 2009, p.35).

Outro paradoxo no diálogo proximidade e distância desse período de pandemia está na relação com o estrangeirismo, a informação sobre o outro. Bauman (2009) aponta que, aconteça o que acontecer a uma cidade, no curso de sua história, e por mais radicais que sejam as mudanças em sua estrutura e seu aspecto, há um traço que permanece constante: a cidade é um espaço em que os estrangeiros existem e se movem em estreito contato. Esta presença, segundo ele, que só se consegue evitar por um período bastante curto de tempo, é uma fonte inexaurível de ansiedade e agressividade latente. Esta perspectiva, na pandemia ficou fortemente relacionada à narrativa. Foi também pela narrativa múltipla que os sujeitos conheceram aspectos das suas cidades que desconheciam. E, seguindo a organização de Sarlo (2014), a cidade dos pobres mostrou-se em imagens. “Os pobres são o elo mais fraco do negócio do lixo, isto é, de tudo aquilo que deixou de ter valor para quem não é pobre nem faz parte desse negócio em seus elos intermediários ou finais” (Sarlo, 2014, p. 63).

Ao analisar o tempo, Sarlo (2014) reflete que na cibercidade a temporalidade é, pelo menos teoricamente, veloz. A cibercidade é imediata, porque pode prescindir de grande parte da materialidade que havia definido a cidade desde as suas origens. Ao se desterritorializar a cibercidade promete uma liberdade e uma velocidade de deslocamento que são justamente opostas às que conseguem na cidade localizada, onde tudo, o pensado e o não pensado, o planejado e o não planejável, ameaça transformar-se numa barreira. Tomando como base o pensamento de Sarlo (2014), observamos que ao viverem na cibercidade ao longo de 2020, os sujeitos não experimentaram a velocidade. Foi exatamente a distância da materialidade urbana, com seus problemas, que levou a uma desterritorialização física, presencial. A comunicação

permitiu a existência na cidade, organizando e desenhando um território imaginado.

As cidades são feitas de cenas e estas cenas têm uma sintaxe (Mikoleit e Purckheuer, 2011). Na investigação intitulada *Urban Code* concluem que as pessoas desconfiam de muitas coisas, mas que seguem o sol cegamente e acabam por organizar suas trajetórias na direção da luz do sol. A experiência da vida urbana é também dependente da percepção acústica e as pessoas se acostumaram rapidamente a estes ruídos. Agora percebem o barulho de maneira subconsciente. Ressaltam que apenas a comparação com o profundo silêncio poderia alertá-los para a intensidade do ruído do ambiente. E foi, de fato, o silêncio que proporcionou, no distanciamento social, que os indivíduos percebessem o quanto estavam ambientados no contexto urbano, o quanto os ruídos já faziam parte do seu cotidiano. Também as imagens do pôr-do-sol, em registros a partir das janelas, indicam a avaliação dos autores.

Nessa composição da vida na cidade, além do ruído, quando aborda a definição de espaço, Santos (2006) traz a dimensão do acontecer solidário que, apesar das diferenças, ocorre entre pessoas, entre lugares e na relação do planeta e da história em constante transformação. A região e o lugar não têm existência própria, são nada mais do que uma abstração, se os considerarmos à parte da totalidade. Tanto a região quanto o lugar são subespaços subordinados às mesmas leis gerais de evolução. Em todas as situações, o autor compara o papel da informação ao da energia, em um passado remoto.

Antigamente, o que reunia as diferentes porções de um território era a energia, em estado bruto, oriunda dos próprios processos naturais. Ao longo da história, é a informação que vai ganhando esta função, para ser hoje o verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes de um território. (Santos, 2006, p.109)



A territorialidade do acontecer histórico, pensa Santos (2006), está sempre mudando. Há sempre um mosaico de subespaços que cobrem a superfície da terra, cujo desenho é fornecido pelo curso da história, na qual a escala deixa de ser uma noção geométrica, para ser condicionada pelo tempo.

As cidades narradas na pandemia

A observação das redes sociais na internet e especialmente do Instagram já apontava, até 2020, para um diálogo com as cidades a partir da narração constante sobre elas. Viver os espaços urbanos, também por conta das possibilidades tecnológicas móveis, é ao mesmo tempo narrá-los. Em um cruzamento histórico entre o desenvolvimento dos centros urbanos e a narração dos sujeitos, dois pontos mostram-se relevantes: a velocidade da circulação física e a miniaturização dos equipamentos usados para narrar. Quando as cidades passam por um processo amplo de urbanização, especialmente na descentralização pelo crescimento do transporte público, os indivíduos preservam as referências, lembranças e significados. Na esteira dessa transformação, e em especial com o aumento das possibilidades de narração, os sujeitos vivem inicialmente uma fase em que buscam referências seguras para enfrentar os confrontos travados na vida cotidiana. O estranhamento na circulação dos centros urbanos sugere que defender-se é a melhor saída. No entanto, apropriando-se das tecnologias disponíveis e narrando sobre as cidades, são cada vez mais parte do espetáculo e não apenas observadores.

Os centros urbanos que se transformaram com a interferência dos sujeitos, mas também à custa das experiências destes mesmos indivíduos, existem numa dimensão narrada pelas pessoas que vivem nestes lugares. Certamente, estas fronteiras não são claras, pois existem em um único texto. A percepção narrada, porém, é fragmentária, parcial. Nesta perspectiva se constrói uma memória

em escala mundial e simultaneamente local, das qualidades e dos problemas dos grandes centros urbanos. As populações vivem na fronteira entre a cidade real e a cidade narrada, sem que percebam limites ou demarcações. Temos a imagem dos espaços urbanos em que vivemos de maneira concreta e mediada, por múltiplas experiências, vivências e, antes de tudo, decisões sobre o que narrar.

As escolhas narrativas são indicadas por *hashtags* que organizam a imagem e a memória das cidades e estabelecem relações com a percepção a respeito dos espaços urbanos. O uso de uma *hashtag* está diretamente ligado à estratégia de narração. Um primeiro olhar para as imagens no Instagram nos leva a pensar que a narração das cidades é também uma narração de si mesmo, do sujeito e de sua presença naquele lugar. A observação aprofundada confirma esta tese, já que os sujeitos narram a si mesmos por intermédio das cidades e em especial, das experiências vividas. A narração religa os indivíduos aos seus lugares, apesar dos problemas dos centros urbanos. Esta camada histórica, na qual a informação tem lugar central, na união das partes do território, é mais uma etapa da permanente transformação, mas que a partir das possibilidades tecnológicas e apropriação, deixa registros cada vez mais fortes e uma memória que se mistura não mais ao passado, mas a todos os tempos.

Quando a narrativa já havia religado os sujeitos as suas cidades, tecendo um único texto de vivências e percepções que dão sentido ao ambiente, o mundo entra em distanciamento social em 2020. A comunicação mostra aqueles que representam os epicentros da pandemia do SarsCov-2 e algumas cidades evidenciam, em certa medida, a relação que os sujeitos estabelecem com os seus lugares naquele momento da história. Se a relação de dualidade entre cidade real e narrada já era evidente, ela se amplia na distância. Os indivíduos passam a viver os espaços urbanos por



intermédio das narrativas e memórias. Inicialmente, desconsideram o vírus que os impede de circular pela complexidade dos lugares onde desaguam muitos problemas contemporâneos. Mas foi exatamente aquela cidade “agida” que deu sentido à vivência, à cidade da memória, à

cidade da vivência transformada exclusivamente em narração. A sociedade já conhecia o fenômeno da desterritorialização e apropriou-se dele como forma de mais uma vez existir e sobreviver na cidade.

Referências

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

KOZINETS, Robert V. *On netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture*. Evanston, Illinois, 1997.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIKOLEIT, Anne & PÜRCKHAUER, Moritz. *Urban Code*. Cambridge: MIT Press, 2011.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora

da Universidade de São Paulo, 2006. – (Coleção Milton Santos; 1)

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SCOLARI, Carlos. *Las leyes de la interfaz: Diseño, ecología, evolución, tecnología*. Barcelona: Gedisa, 2018.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SENNETT, Richard. *Construir e habitar. Ética para uma cidade aberta*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

